

147

LEANDRO GOMES DE BARROS

O Tempo de hoje



O Sorteio Militar



O editor reserva os direitos de reprodução de acordo com o artigo 649 do código Civil.

EDITOR
PEDRO BAPTISTA
[Rua 7 de Setembro, nº. 17
GUARABIRA
ESTADO DA PARAÍCYBA DO NORTE
—1918—



LEANDRO GOMES DE BARROS

Nasceu em 1865 no municipio da villa
do Pombal, Estado da Parahy-
ba, e falleceu a 4 de Março
de 1918 no Recife.

AVISO

Tendo fallecido o poeta Leandro Gomes de Barros passou ao meu possuído a propriedade material de toda a sua obra litteraria. Só a mim pois cabe o direito de reprodução dos folhetos do dito poeta e acho-me habilitado a agir dentro da lei contra quem commetter o crime de reprodução de ditos folhetos.

Previno ás pessoas que negociam com folhetos que tenho em deposito todos os que o poeta escreveu e que vendo-os pelo preço do costume, dando boa commissão.

Pedro Baptista

Guarabira, Estado da Parahyba do Norte em 30 de Março de 1918.

LIVRARIA DO POVO

Rua 7 de Setembro n.º 17

O Tempo de hoje

Antes de haver esta guerra
O mundo éra sonho dourado,
A carne custava pouco,
O bacalháo quasi dado,
Assucar ninguem queria,
Café moído era achado.

A Guerra chegou,
Bacalháo damnou-se,
A carne acabou-se
Tudo peiorou,
Fava levantou,
Vejam como está
Carne Ceará
Trez mil reis o kilo!
E é mesmo aquillo
Batata e cará.

Então depois desta guerra
Batata está caprichosa,
Diz que entre os legumes
E' ella a mais saborosa,
Diz eu não caso com pão,
Pão é de raça sebosa.

Disse: é estrangeira
Eu não gosto d'ella |
Só gosto d'aquella |
Que for Brasileira;
Prezo macacheira,
Gosto do café,
Não tomo rapé
E nem masco fumo,
Hoje até estrumo
No preço faz pé.

O povo lamenta o tempo
Quando tudo era barato
Que a praça como uma louca
Se curvava aos pés do matto
Pedindo para comprar-lhe
Chamando ao matuto ingrato.

Com todo cuidado
Mostrava a fazenda,
Chita fita e renda,
Que fosse de agrado,
Todo delicado,
Patrões e caxeiros,
Grandes trapicheiros
Aos freguezes vinham
Só não lhe faziam
Mudarem-lhe cueiros.

Agora é pelo contrario,
O freguez chega de fóra
Pergunta—Patrão tem isso?
Responde, mais com demora,
Tenho, porem custa tanto,
Não quero vender agora.

No tempo passado
O freguez chegava
Tudo adulava
Muito interessado,
O portuguez de um lado
Muito satisfeito,
Disia com geito:
Benha se sentare
Querendo mamare
Está aqui o peito.

Hoje em dia, nem se occupam
Botarem nada nas amostras,
O freguez falla com elles
Elles respondem de costas
Que o freguez reina pegal-o
Cortal-o em pequenas postas.

O mundo faz crêr
Que se viciou,
A praça botou
O matto a perder
Hoje só se vê
Roubo e corrupção,
Prende-se um ladrão
Elle se faz bôbo,
E diz:—Não fiz roubo
Isso é cavação...

Cinco litros de batatas
Nunca deu mais que tostão
Farinha doze vintens,
Uma pataca o feijão,
Fumo dez tostões a vara
Era uso do sertão.

Hoje tudo vai,
O tempo é moderno,
Isso é um inferno
Onde tudo cae,
O filho ao pae
Se se descuidar
E for lhe confiar
Um kilo de arroz
Vê faltarem dois
Se elle repezar:

Alem do preço alterado
Que a mercadoria tem
Falta no kilo ou na cuia;
Como se salva ninguem?
Só o povo do governo
Pode dizer: Eu vou bem.

No tempo passado
Qualquer um freguez
P'ra passar um mez
Bastava um cruzado,
Ia no mercado
Comprava a farinha,
De tudo que tinha,
Vinha uma porção;
Arroz e feijão,
Milho p'ra galinha.

Era um tempo de delicias
Ninguem contava miseria,
Não é como hoje o tempo
Que é verdadeira pilheria,
Esgotaram-se os recursos
A vida tornou-se seria.

Não ha quem suporte
Esta carestia,
De noite e de dia
Se traqueja a sorte,
O povo do norte
Está desarranjado,
Alem de roubado
Em peso e medida,
Alimenta a vida
Com feijão furado.

Não tem que seja cassaco
Ou seja commendador,
Para o lado do commercio
Apanha seja quem for,
Tanto faz ser um servente
Como desembargador.

Chora o desgraçado,
Se maldiz o nobre,
Estrebucha o pobre,
Queixa-se o quebrado,
Diz o empregado
Que crise tyranna,
Fui essa semana
Em noite de lua
Apanhei na rua
Casca de banana...

Hoje tem mais uma coisa
Que para o pobre é canudo
Vai com dez mil reis na venda
O marinho trombuço
Dizendo troco não ha;
Só troco comprando tudo.

O pobre esperneia
com essa furada
Ou fica sem nada
Ou dorme sem ceia,
A fome que é feia
Tem cara de cão,
Não fica um tostão
Do cobre que havia
E no outro dia
Com que compra o pão?

De trez annos para cá
E' enorme a differença
Nos homens do nosso tempo
Ha uma mudança immensa,
Agora só aparece
Aquillo que não se pensa.

Eu tenho notaço
Nos homens das rodas
Que acompanham as modas
O que se tem dado,
Um desses coitado,
Só falta morrer
Não pode viver
Em lasima tamanha,
Poque que ganha
Não dá para comer.

Antes da guerra européa
Folgava a humanidade
Então só tinham sabida
As coisas de novidade,
Pão de um dia para outro
Vendiam pela metade.

Agora hoje em dia
Ninguem aborrece
E nem endurece
Pão na padaria,
Pois tem freguezia
Que manda os comprar
E encomendar
Com mais brevidade
Guardar para tarde
O pão que boiar.

Camaradinha pedante
Que quer ser grande sem poder
Comprava um kilo de carne
Mas não podia o trazer,
Se trouxesse era escondido
Ninguem havia de ver.

Um desses agora
Sabe elle o que faz?
Não tem luxo mais
Sai a toda hora,
Veste-se vai embora
Não tem embaraço,
Vai passando marcando passo
Que só um canalha
A bolça de palha
Debaixo do braço.

Essa crise veio agora
Endireitar muita gente,
Muitos só comiam pão
Se ainda estivesse quente,
Mas hoje isso acabou-se
A cousa está differente.

Essas regalias
Das mezas de outr'ora,
Tornaram-se agora
Em pão de trez dias,
Vai as padarias
Comprar escondido
Inda constrangido,
Vai sempre ao pão duro
Come feijão puro
Que só desvalido.

E' o remedio que ha
Não tem para onde fugir,
A dôr ensina a gemer,
O somno obriga a dormir,
Toda roupa serve ao nú
Quando não tem que vestir.

.....
Recife 4 de Março de 1918.

) SORTEIO MILITAR

Publicado a 1^a. vez em 1906

Alerta! rapasiada!
O tempo não está de graça
Moço, velho, cego, e côcho
Tudo agora assenta praça,
Bispo, e vigario collado
Vai tudo ao pão de fumaça.

Para que fazer soldado
De velho, cêgo, e menino?
Está sem sal este mercado
Róe a porca e quebra o pino?
Vamos ver se alistarão
Um, como Antonio Silvino.

Eu viajei para o norte
E vi um pobre aleijado,
Me disse um visinho d'elle
Aquelle está alistado.
Mas para que serve aquillo?
Perguntei ao delegado.

Então elle respondeu-me
Esse não pode escapar,
Só anda de quatro pés
Mas comtudo pode andar,
A patria tem precisão
De alguém para rastejar.

Outro tem um filho doudo
Com uma perna cortada,
Disse-lhe o delegado
Você vai meu camarada,
Tem-se precisão de doudo
Que é para atirar pedrada.

Disse o pai do pobre doudo,
Que faz na guerra este tolo?
—Caiu-me na rede é peixe
E o que sahir vai no bolo,
Loucura não é defeito,
Ninguem briga com miolo.

Como vou eu sem ter perras
Perguntou um ancião?
Responden o delegado,
Vai na corcunda de um são,
Um leva você nas costas
E a espingarda na mão.

Um velho catimboseiro
Que tem ali no agreste
Até eu disse ao juiz
Aquelle queira Deus preste
Disse o juiz vai tambem,
E leva, o caximbo mestre.

Tinha um filho uma viuva
Séndo uma pobre mulher.
Disse ao filho: ora meu filho!
O governo não te quer
O juiz disse: esse eu levo,
Arrume outro se quizer.

E se não estou enganado
Os padres tambem irão
E ha de ficar bonito
Um padre com cinturão,
Naquelle batina preta
Fica de luxo o latão!...

Disse um sertanejo velho:
Não vou, venha quem quizer,
Compro a praça embora gaste
Todos os bens que tiver,
Vendo as bestas das meninas
E o mellado da mulher.

Me disse certa mocinha
Que em nossa casa vai,
Essa disse, lá em casa
Tudo está dentro, não sai
Não quiseram dispensar
Nem o porco de papai.

Até meu irmão mais velho
Que quebrou o espinhaço,
Furou o olho direito,
E o doutor cortou-lhe o braço,
Disse o juiz: você vai,
Embora falte um pedaço.

Disse o juiz: uma arvore
Se corta e deixa-se o tóco
Ella cria novos galhos
Frutifica e não é pouco
Um homem cortando um braço,
Briga bem com o côtoco

A lei exige que ainda
Estando morto e enterrado
Arranque-se o esqueleto
E vae especionado
Quando nada o povo diz
Isto é osso de soldado.

Uma velha tem um filho
Que é feio que só perigo
Perguntou quando alistou-se
Que faz a praça commigo?
Disse o juiz: praça feia
Faz assombrar o inimigo.

E não escapa ninguém
Vai tudo a solla da vacca,
Está o Brasil imprensado
Entre a porca e macaca
E o governo bem quieto
Dizendo: Felipe ataca...

O governo está dizendo:
Quem não gostar coma menos,
Va fazer queixas ao Bispo,
Faça os bocados pequenos,
Felizmente eu já sou grande
Não tenho medo de acenos.

Zé Churumella já disse:
O Governo me sorteia,
Eu pego minha mulher
Vou liquidal-a na peia,
Fico livre do sorteio
Morra embora na cadeia.

E pegou Chica Tutano
Metteu-lhe o páo sem receio,
Um visinho inda lhe disse:
Não faça isso que é feio,
Disse Churmella:—isso,
E' dose para o sorteio.

Dizia Chica Tutano:
Viram que historia damnada?
O diabo dessa lei
Não veio mesmo envergada?
Alistaram meu marido
Eu é que fui sorteiada.

O brasileiro se torce
Mais do que um parafuso,
A secca aperta do norte,
Do sul aperta o abuso,
O imposto bota na prensa,
O sorteio acocha o fuso.

João! Dizia um sertanejo,
O mundo agora faz dó,
Tu caisse no sorteio
Eu para não ficar só
Dei por vossê ao juiz
A burra de sua vò.

Quiz dar meu cavallo russo
Elle não quiz receber,
A besta de tua mãe
Elle podia querer,
Mas assim quem carregava
Milho para nos comer?

Meu pai respondeu: João
Dindinha fica damnada,
Inda hontem ella me disse
Que a burra é muito estimada,
Ella mamou em dindinha,
E' quasi sua enteada.

Eu sei com toda certeza
Que queira Deus ella acceite,
O negocio ja está feito
Mas queira Deus se aproveite,
Aquella burra e mamãe
São duas irmãs de leite.

Meu filho dizia o velho:
Isso não quer dizer nada
Eu direi a sua avó
Se acaso ficar massada:
Comadre faça de conta
Que eu vendi minha cunhada.

Vejam lá que sacrificios
Neste mundo tem se dado
Que quantidade de lagrimas.
Ja não se tem derramado
Só fica quem for doutor
O mais tudo é confiscado.



"Popular Editora"

A "Popular Editora" avisa ao commercio e ao publico em geral que abriu mais uma filial, alem da de Lages, no Rio Grande do Norte, em Guarabira na rua 7 de Setembro, n.º 17, e que mantem alli um completo sortimento de livros e objectos escolares, papeis de diversas qualidades, folhetos tanto de Leandro Gomes de Barros como de F. Chata, que vende por preços os mais possiveis.

Grande deposito de folhetos do Leandro Gomes de Barros.

GUARABIRA, MARÇO DE 1918.

F. C. Baptista & Irmão

(LGB)